

# Investir em vinho. Nos chateaux é que está o ganho

**Além de néctar dos deuses, o vinho de alta qualidade pode ser um bom investimento. O baixo risco e o potencial retorno fazem de alguns rótulos de Bordéus os mais valorizados no mundo, obrigatórios num portefólio que se preze. 10 mil euros bastam para investir e agora há “saldos” nos vinhos top.**

TERESA GENS

**J**oão Paulo Martins, o mais famoso crítico de vinhos da nossa praça, rumou, com dois amigos, à região de Bordéus para comprar vinho para consumo próprio. Compraram-no nos famosos chateaux, nome dado às propriedades produtoras de vinho daquela região vinícola – a mais relevante no panorama dos vinhos de alta qualidade. Para quem investe em vinho, e quer realizar mais-valias, “não há volta a dar: as marcas com notoriedade de Bordéus são as mais fortes do mundo porque dão garantias, não perdem, a dúvida é quanto valorizam, daí terem procura mundial”, explica o especialista rematando que: “Se tivesse muito dinheiro investia em Bordéus”. Mas “é preciso ser rico para investir em vinho de alta qualidade, o único que pode garantir retorno. Mesmo “investidores médios, que possam aguardar cinco anos, podem aproveitar este mercado de investimento”, garante Paulo Martins, administrador da Vino Invest, em-

**Investimento tem baixo risco e retornos anuais de 15%.**

presa de consultoria que aconselha aos clientes a compra de Bordéus e Borgonha porque têm “baixo risco e potenciais retornos, anuais, de 15%” – num prazo mínimo de cinco anos. “Transaccionamos vinhos que, por lei, têm quantidades de produção limitadas, são um produto finito e com uma procura mundial estabelecida”, explica. Com 10 mil euros já é possível adquirir cerca de duas caixas de vinho de alta qualidade – de Château Mouton Rothschild 2006 por exemplo –, e atingir as tais médias anuais de 15%.

E não há mais vinhos que sejam um bom investimento? “São poucos os vinhos a nível mundial que conseguem de forma consistente, (mesmo em colheitas piores) atingir uma longa longevidade, como estes conseguem”, explica o administrador há 14 anos a trabalhar neste mercado. É esta a mensagem que está a passar no mercado português onde o vinho, como investimento, é algo “novo e inovador”. Por cá, “há colecionadores, mas não tradição de investir em vinho”, diz o crítico João Paulo Martins. E vinho em que valha a pena in-

vestir temos em Portugal? Bento Amaral, director dos serviços técnicos e de certificação do Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto (IVDP), lembra que os vinhos “com potencial de envelhecimento”, como o vinho do Porto, são os que mais se adequam ao investimento e que os anos declarados Vintage “serão, à partida, investimentos mais seguros”. Só que, como lembra o administrador da Vino Invest “não são todos os anos que temos um Vintage” o que significa que podem passar vários anos sem vinhos de alta qualidade a entrar no mercado. “É importante existir um limite de produção, mas é de igual forma importante que exista vinho suficiente no mercado mundial a ser transaccionado todos os dias”.

Além dos rótulos de luxo de Bordéus, João Paulo Martins diz que há chateaux menos famosos que também costumam valorizar. “Comprei, em 2008, em primeur (fase de reserva de vinhos por antecipação face à saída para o mercado) três caixas de vinhos diferentes – só se comercializa às caixas de 12. Uma garrafa custaram 70 euros outras 160 euros

– preços sem IVA que se paga quando recebem as caixas, dois anos depois, o que é normal neste tipo de vinho. Ora, em 2009 “a colheita foi muito boa” e a garrafa mais cara passou a custar 880 euros e as de 70 aí a uns 330 euros. Uma boa notícia que revela, paralelamente, um facto: “Os preços são volúveis”. Dependem da colheita, da procura e (muito) dos críticos – sobretudo Robert Parker. “Se ele diz, o mercado confia”, diz João Paulo Martins. Outro factor que faz o preço é, sem surpresa, a procura. Por ela ter recuado recentemente – face à brutal quebra registada a partir de 2000 pelo mercado asiático –, os preços de vinho de alta qualidade estão “bem mais acessíveis”. O ajustamento dos últimos anos faz com que estes vinhos de alta qualidade estejam “desvalorizados”, “tratando-se do melhor momento para investir”, dizem. Isto aliado ao baixo risco, à capacidade de retorno e ao facto de permitir diversificação em relação a aplicações tradicionais fazem deste produto, diz Paulo Martins, “uma enorme mais-valia” na actual conjuntura económica. ■



## VALORIZAÇÕES ENTRE 15% E 20%

Aqui ficam dois portefólios reais de investidores em vinho de alta qualidade. Ambos conservadores, no prazo em que estão enquadrados, integram algumas das jóias da coroa de Bordéus – vinhos com notas máximas (ou quase) atribuídas pelo guru dos críticos Robert Parker, um garante de procura mundial. A média de preços das caixas de vinho (que contêm 12 garrafas e são a unidade de transacção neste negócio) é, na primeira carteira, de 8.300 euros e na segunda de 11.800 euros. O potencial de crescimento anual é, em média, de 15% no primeiro portefólio e de 20% no segundo.

Prazo de cinco anos			Investimento de 24.970€
Vinho	Colheita	Nota de Robert Parker	
Chateau Mouton Rothschild	2006	98+	
Chateau Lafite Rothschild	2003	100	
Chateau Latour	2000	98	

Potencial de crescimento 15%, em média, ao ano

Prazo de 10 anos			Investimento de 35.580€
Vinho	Colheita	Nota de Robert Parker	
Chateau Margaux	1982	98	
Chateau Ausone	2003	100	
Chateau Lafite Rothschild	1986	100	

Potencial de crescimento 20%, em média, ao ano

Fonte: VIno Invest

## Como investir em vinho?

“Quem quer tratar o vinho como investimento deverá estar consciente do risco associado ao negócio podendo haver situações de ganhos e perdas”, lembra Bento Amaral. O responsável do IVDP defende, por isso, o “aconselhamento especializado”, sendo que há que ter “especial atenção à escolha das marcas e armazenamento”. O crítico de vinhos João Paulo Martins concorda: “Se fizesse investimento a sério não faria sozinho, nem cá em Portugal, consultava empresas em Inglaterra, as mais conceituadas (o mercado de investimento em vinho tem três séculos), que investem por forma a não haver risco – perder não perdem”. O homem que tem passado a vida em provas diz que, além da exigência da armazenagem em condições óptimas (“mesmo algumas garrafeiras não as têm e o vinho vendido em leilão também envolve algum risco”), o investimento em vinho pressupõe “dominar o assunto, acompanhar diariamente o mercado mundial, as colheitas, já para não falar do risco das falsificações”. Reduzir o risco ao grau mais perto de zero é o que procura fazer a VIno Invest cujo trabalho com o cliente se inicia com a análise do seu perfil (conservador, moderado ou arriscado) e dos

**Antes de investir, é preciso analisar o perfil de risco.**

seus objectivos. Depois, propõe um portefólio, montantes de investimento e o tempo de maturidade para a aplicação. Sobre o preço de compra do vinho cobra uma comissão de 15%. Findo o prazo, a empresa vende o produto no mercado (sem qualquer comissão).

Neste processo, o armazenamento das caixas é um factor crítico: “Sendo o vinho um produto vivo, sensível a variações de temperatura e luminosidade, a compra de vinhos para guardar em casa e depois vender não será, em princípio, aconselhada”, lembra o director dos serviços técnicos e de certificação do IVDP rematando que: “A compra para investimento exige o armazenamento em local adequado sujeito a monitorização garantindo a qualidade do vinho”. A VIno Invest propõe aos seus clientes, e já tem alguns em Portugal, uma conta num armazém no Reino Unido onde o vinho fica depositado. “É a melhor forma de provar ao futuro comprador que o vinho foi bem armazenado”. O administrador lembra que o vinho é um activo físico (ao contrário de outros investimentos) e um “produto refúgio, armazenado no Reino Unido, em libras inglesas, apesar de o cliente efectuar o investimento em Portugal e em euros”. ■